

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED  
CURSO DE PEDAGOGIA

FERNANDA DOS SANTOS GILLI

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
ENQUANTO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO – UM  
ESTUDO DE CASO

Porto Alegre  
2. Semestre  
2010

Fernanda dos Santos Gilli

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
ENQUANTO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO – UM  
ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial e  
obrigatório para obtenção do título  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Zitkoski

Porto Alegre  
2. Semestre  
2010

Tenho muito a agradecer à minha Família que incansavelmente foi presente e atenta durante esta longa caminhada.

Agradeço imensamente a toda a Equipe da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, meus colegas de trabalho que durante este período foram além de colegas amigos e amigas. A equipe do Museu e da Difusão Cultural que desde o começo acreditaram e torceram por mais esta vitória.

Agradeço a todos os colegas de faculdade. Pude conhecer e conviver com diferentes turmas e com certeza aprendi muito com todos.

## RESUMO

Este trabalho de caráter reflexivo sobre prática pretende analisar a permanência de alguns sujeitos em uma turma noturna de Alfabetização, mesmo perante as adversidades: o não avanço para as Totalidades seguintes e suas expectativas escolares. Para tal análise, utilizei-me da modalidade de pesquisa chamada Estudo de Caso, partindo da vivência no estágio obrigatório do Curso de Pedagogia. Pretendi refletir sobre as histórias escolares destes sujeitos e suas expectativas e sonhos na EJA. Procurei revelar a multiplicidade de dimensões em uma determinada situação – a permanência destes sujeitos na EJA, focalizando-a com um todo. Recorrerei a uma diversidade de tipos de informantes, de dados coletados em diferentes situações e de diferentes opiniões. A realidade foi observada e descrita com o olhar atento à multiplicidade, não tentando de forma alguma encontrar a “verdade”, mas, refletindo sobre o que era apresentado. Pensando que, muitas vezes o que os olhos vêem não retratam a materialidade da situação. Portanto, utilizando-me do estudo aprofundado destes sujeitos e seguindo o rigor acadêmico procurei compreender as razões da permanência dos alunos desta Totalidade 1, mesmo sem a apropriação da leitura e da escrita, conforme o esperado pela instituição escolar. E mais, por que estes sujeitos não abandonam, mas continuam “esperançosos”.

Palavras-chave: 1.EJA 2. Permanência 3. Pertencimento

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria.

É só amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece.

Amor é fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente  
É um contentamento descontente  
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria.

É um não querer mais que bem querer  
É um solitário andar entre a gente  
É um não contentar-se de contente  
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade  
É servir a quem vence, o vencedor  
É um ter com quem nos mata lealdade  
Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem  
Agora vejo em parte  
Mas então veremos face a face.

É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos sem amor eu nada seria.  
(MONTE CASTELO, Renato Russo)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
<b>I. Fundamentos teóricos da educação .....</b>	<b>10</b>
1.1. O que é conhecimento? .....	10
1.2. O que é epistemologia? .....	11
1.3. Qual a origem do conhecimento .....	14
1.4. Os tipos de conhecimento .....	17
1.5. O que é verdade .....	18
<b>II. Bases fundantes da Educação de Jovens e adultos .....</b>	<b>20</b>
2.1. A educação de Jovens e adultos .....	20
2.2. A relação escola, educadores e sociedade .....	21
2.3. Quem são os sujeitos da EJA .....	22
2.4. Apresentando a escola da pesquisa .....	23
2.5. Apresentando os sujeitos deste estudo de caso – alunos da Totalidade I (Alfabetização) .....	25
<b>III. O sentido de pertencimento na EJA .....</b>	<b>27</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33
ANEXOS .....	35

## INTRODUÇÃO

Ao realizar o estágio obrigatório do Curso de Pedagogia deparei-me com a realidade de muitos cidadãos brasileiros: trabalhar e continuar os estudos.

Optei desta forma pelo estágio em uma turma de EJA noturno. Minha experiência foi única. Dela surgiram questionamentos que me motivaram à pesquisa.

Antes mesmo de ser apresentada pela turma fui convidada a pensar sobre alguns alunos que estão na mesma Totalidade há algum tempo.

Porque continuam indo à escola se não há avanço para as Totalidades seguintes? O que buscam na escola? O que significa a EJA em suas vidas?

Em 2006, a Professora titular produziu um estudo de caso com esta mesma Turma, o que tornou sua Dissertação de Mestrado defendida na UFRGS/ FAGED. No ano passado (2009) minha colega de Reflexão sobre a prática docente realizou seu estágio nesta mesma turma e alguns dos alunos ainda permaneciam. Realizei o estágio no primeiro semestre de 2010 e alguns alunos permanecem.

Aqui procurarei refletir sobre as questões sociais-culturais que levam estes alunos a permanecerem nesta mesma Totalidade. Não focarei minha análise nas questões de Avaliação (o não avanço). Me interessa pensar sobre as hipóteses de pertencimento nesta educação à estes alunos.

Para tal análise, utilizei-me da modalidade de pesquisa chamada Estudo de Caso, pois, entendo que,

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa cujo objetivo é analisado profundamente, seja este relacionado com uma comunidade, com uma instituição ou com um sujeito, através de um contato íntimo e prolongado do pesquisador. (TAVARES, 1999, p.18)

Aqui neste caso, o estudo parte da vivência com estes sujeitos da Totalidade 1 durante os meses de março a julho de 2010. Procurarei revelar a multiplicidade de dimensões em uma determinada situação – a permanência destes sujeitos na EJA, focalizando-a com um todo. Tentei fazer um exercício de reflexão do Todo, para a Parte e da Parte para o Todo. Pois, acredito que meu estudo é relevante por tratar-se destes

sujeitos singulares, porém inseridos em uma realidade – a do analfabetismo que é recorrente em nossa sociedade.

Recorri a uma diversidade de tipos de informantes, de dados coletados em diferentes situações e de diferentes opiniões. A realidade foi observada e descrita com o olhar atento à multiplicidade, não tentando de forma alguma encontrar a “verdade” mas, refletindo sobre o que era apresentado. Pensando que, muitas vezes o que os olhos vêem não retratam a materialidade da situação.

Portanto, utilizando-me do estudo aprofundado destes sujeitos e seguindo o rigor acadêmico procurarei compreender as razões da permanência dos alunos desta Totalidade 1, mesmo sem a apropriação da leitura e da escrita, conforme o esperado pela instituição escolar. E mais, por que estes sujeitos não abandonam, continuam “esperançosos”.

Também realizei coleta de dados através de entrevistas com os alunos e com a professora titular da turma, conforme orientação do Professor Jaime, meu orientador de TCC. As entrevistas semi-estruturadas foram essenciais para que pudesse acessar os sujeitos dando a eles liberdade de expressar seus sentimentos e pensamentos.

As entrevistas com os alunos seguiram o roteiro:

1. Sexo
2. Idade
3. Trabalho
4. Há quanto tempo você estuda na Totalidade 1 desta escola?
5. Fale sobre suas experiências na escola?
6. Fale sobre o que você já sabe ler e escrever
7. Como você pensa que é o melhor jeito para se aprender a ler e a escrever?
8. O que você acha que já aprendeu?
9. O que mais o atrai nas aulas?
10. Por que você frequenta a escola?

A entrevista com a professora titular seguiu o roteiro:

1. O que é ler e escrever para você?
2. Fale sobre os conhecimentos de língua escrita que os seguintes alunos possuem
3. Que recursos você já utilizou para auxiliar seus alunos?
4. Quais os encaminhamentos você faria aos alunos que permanecem tanto tempo na mesma totalidade?



5. Por que você pensa que estes alunos freqüentam as aulas há tanto tempo?

Os sujeitos escolhidos para a análise foram aqueles que permaneciam a mais tempo nesta totalidade. Assim foram selecionados quatro sujeitos (MM; SJ; Mi; Ed) e sua professora titular (Profa. S).

A partir destes dados foi possível elaborar uma tabela informativa, onde pude recorrer a todo momento para dela realizar interpretações e reflexões sob a luz da perspectiva da alfabetização crítica de Paulo Freire, pois,

A educação crítica é a “futuridade” revolucionária. (...) portadora da esperança – e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. (FREIRE, 1980, p. 81-82)

Assim como FREIRE, penso que estes sujeitos estão comprometidos com sua história, podendo através da observação e do diálogo realizar um movimento interessante entre homem – mundo, tornando-se atores de sua própria jornada.

Desta forma este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em três capítulos: CAPÍTULO I: Fundamentos teóricos da educação; CAPÍTULO II: Bases fundantes da educação de Jovens e Adultos; CAPÍTULO III: O sentido de pertencimento na EJA.

No primeiro capítulo pretendi apresentar a metodologia de pesquisa, suas implicações, as hipóteses iniciais, e as concepções de Educação que estavam imbricadas; Já no segundo capítulo, por este estudo tratar-se de um estudo de caso, pretendi apresentar as características dos sujeitos analisados e as implicações para a reflexão teórica; E no terceiro capítulo refleti sobre o sentido destes sujeitos e suas relações com a educação da EJA neste contexto apresentado. Finalizando o trabalho científico com as Considerações, que para esta formalidade são finais, mas certamente para minha carreira acadêmica são apenas iniciais.

## I. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO

Segundo os princípios da educação libertadora a alfabetização não é possível através de meras técnicas, pois para se conseguir qualificação profissional e pensamento crítico é necessário haver um espaço de diálogo crítico. Será através deste diálogo sobre o texto, uma reportagem, ou uma notícia, tentando penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é como é, seu contexto político e histórico em que se insere que a educação será libertadora. Para Freire (1986, p.01) este processo é “para mim um ato de conhecimento e não uma mera transferência de conhecimento, ou mera técnica para aprender o alfabeto.”

### 1.1. O que é conhecimento?

O Conhecimento é uma característica própria do ser humano que lhe permite elaborar os dados apreendidos da realidade externa dentro de suas vivências internas e, podendo com isso, interagir com o meio circundante, incluindo-se dentro do processo cognitivo. Em resumo, conhecimento é consciência de si e do mundo.

O conhecimento humano se dá em níveis diferentes. E, cada um destes níveis tem suas características próprias. Os diferentes níveis de conhecimento são: o ordinário; é o nível de conhecimento que se aplica ao cotidiano onde se conhece os efeitos mas não se indaga pela causas; o mítico; é o nível de conhecimento onde as causas não tem conexão lógica com o seu respectivo efeito; o científico; é o nível de conhecimento onde a relação causa e efeito é estabelecida numa relação lógico-metódico-sistemática; o filosófico; é o nível de conhecimento onde se buscam as causas imediatas; o da fé; é o nível de conhecimento que se estabelece a partir da credibilidade pois, as causas mediatas não podem ser explicitadas.

Assim, o conhecimento no ser humano segue os seguintes passos para a sua formação: apreensão: captação sensorial do objeto; juízo: elaboração de uma idéia ou conceito básico do objeto captado; raciocínio: elaboração ordenada de vários juízos; discurso: apresentação do raciocínio de forma lógica e com responsabilidade ética. Esta é uma divisão didática pois nenhum desses passos ocorre isoladamente.

Em síntese, todo o conhecimento humano é resultado de uma operação intelectual, ou seja, é fruto do espírito humano. O conhecimento sempre se dá por abstração. De todas as coisas que conhecemos abstraímos, ou seja, retiramos caracteres

que irão formar os conceitos ou idéias. Há, pois, 3 graus de abstração: física é a que retiramos as propriedades dos objetos como: forma, cor, utilidade; matemática é a que, a partir dos objetos físicos realizamos operações de quantificação; e, metafísica é a que opera com os enunciados gerais, do conhecimento, como por exemplo: o todo é maior que as partes; o círculo é redondo.

A filosofia, para fazer um estudo do conhecimento, o faz através de vários enfoques diferentes, tais como: 1. Gnoseologia estudo geral do conhecimento; 2. Teoria do Conhecimento = análise filosófica do que é o conhecimento; 3. Epistemologia = episteme ( ciência + logia ( estudo. A epistemologia estuda a origem, a estrutura, os limites e os fins do conjunto de enunciados que formalizam o conhecimento científico.

A característica fundamental do conhecimento é que ele é o resultado de uma relação entre um sujeito e um objeto. E, é justamente, desta relação, que surge o fenômeno do conhecimento. E, a problematização desta relação deu ensejo ao surgimento da Teoria do Conhecimento e posteriormente da Epistemologia.

## **1.2. O que é Epistemologia**

Pela definição semântica: é uma palavra de origem grega e composta pelos termos (episteme) = ciência = (logia) = estudo ( estudo do modo científico de conhecer. Epistemologia não significa o estudo da ciência, isto é atribuição da ciência propriamente dita. À epistemologia cabe a função crítica do modo científico de conhecer, ou seja, procura responder à seguinte questão: qual é estrutura formal do conhecimento para que o conhecimento possa ser considerado científico?

Sua origem histórica nos conta que a Epistemologia derivou-se da Teoria do Conhecimento que é um dos campos próprios da Filosofia. A Epistemologia no início se dedicou a fazer uma espécie de história das ciências no sentido de levantar questões sobre problemas na área do conhecimento, problemas estes que subjazem às questões meramente técnicas da ciência. Hoje a Epistemologia adquiriu uma abrangência maior que inclui uma visão crítica do conhecimento científico envolvendo, inclusive, as questões éticas pertinentes à ciência.

Dentre as tarefas da Epistemologia podemos dizer que ela assumiu a tarefa da reconstrução racional do conhecimento científico. Neste sentido procura responder as seguintes questões: O que faz com que o conhecimento seja propriamente um conhecimento científico?; Qual é a maneira de raciocinar cientificamente para se ter a certeza da validade do conhecimento científico? A solução destas questões corresponde

exatamente à Epistemologia, ou, o empreendimento cognitivo que se dedica a dar solução a estas questões podemos chamar de solução epistemológica;

Segundo o filósofo Mario Bunge a epistemologia contribui às ciências empírico-formais trazendo à tona os pressupostos filosóficos; elucidando e sistematizando conceitos filosóficos. Ex.; causalidade; ajudando a resolver problemas científico-filosóficos. Ex.: o que é qualidade de vida?; participando das discussões sobre a natureza e o valor da ciência pura e aplicada; reconstruindo teorias científicas de maneira axiomática; servindo de modelo a outros ramos da filosofia. Ex.: a Ética.

Dentre as principais questões da Epistemologia podemos citar: quais são os critérios de cientificidade?; correção de dedução e isenção de contradição; exatidão e compreensibilidade intersubjetiva; possibilidade de estabelecer o valor de verdade; o que é método?; descobrimento do problema; colocação precisa do problema; procura de conhecimentos ou instrumentos; tentativa de solução com meios apropriados; invenção de novas idéias (hipóteses, teorias ou técnicas); investigação das conseqüências; comprovação da solução; correção das hipóteses, teorias e técnicas a partir dos dados obtidos; há uma unidade ou pluralidade de métodos?

Não se deve confundir método científico com técnicas científicas. O método é uma característica essencial e geral da ciência porém a técnica é uma operação específica. Sendo que, então, na mesma fase do método científico se pode utilizar várias técnicas científicas. Há, apenas, um método que apresenta duas fases ou direcionamentos:

- o dedutivo - é o conhecimento que vai do geral ao particular, do universal ao singular, do todo à parte, do maior ao menor, do complexo ao simples. Este é o método próprio do conhecimento abstrato como da filosofia, teologia e das ciências hermenêuticas;
- o indutivo - é o conhecimento que vai do particular ao geral, do singular ao universal, da parte ao todo, do menor ao maior, do simples ao complexo. Este é o método próprio das ciências empíricas e experimentais, como a química, física, biologia, etc.

O grande problema da Teoria do Conhecimento é que: sujeito e objeto se unem no mesmo ato, isto é, o conhecimento quer conhecer a si próprio, girando em torno das seguintes questões: é possível o conhecimento? Ou seja: pode-se ter a certeza de que o sujeito cognoscente é capaz de conhecer o objeto a ser conhecido?; ao se confirmar a

possibilidade do conhecimento; qual é, pois, sua origem? Ou: onde está a matéria-prima desta possibilidade? Isto é: de onde o sujeito retira o conteúdo para o seu conhecimento?; uma vez que, não se pode definir exatamente a origem do conhecimento, resta saber, pois onde está, então, a essência do conhecimento? Ou seja, qual é o seu sustentáculo? Em outras palavras, tenta-se buscar uma definição ontológica do conhecimento; tendo em vista que, quanto mais se aprofunda o problema em torno do conhecimento, tanto mais complexo se nos apresenta, sempre surge a questão: se qual é a espécie válida de conhecimento? o conhecimento é nos dado de forma mediata ou imediata? Ou, aqui se coloca o problema da intuição, isto é: o conhecimento é algo instantâneo (imediato) ou, sempre se dá através de meios (mediato)?; o problema final do conhecimento é saber: se, aquilo que se conhece, a partir da relação sujeito-objeto,

Qual é o critério de verdade do conhecimento? O conhecimento é algo confiável, certo e verdadeiro? Ou, como afastar a dúvida, a incerteza e o erro? A solução dos problemas próprios da Teoria do Conhecimento forçosamente desembocam em uma concepção de homem (antropologia filosófica); em uma concepção de mundo (Weltanschauung = cosmovisão).

É importante ressaltar que o conhecimento sempre é relativo a um sujeito (obrigatoriamente humano), é visto dentro de uma concepção dualista, ainda não superada: homem ideal X o homem real e que o conhecimento volta-se intencionalmente a um objeto que é visto, ou dentro de um mundo ideal, ou, dentro de um mundo real.

Quanto a possibilidade do Conhecimento podemos refletir sobre o dogmatismo (dogma = doutrina fixa), onde o, sujeito é, por natureza, um ser de conhecimento. Simplesmente o sujeito aprende o objeto, ele é ativo e o objeto é passivo pois o conhecimento do sujeito é algo óbvio, porque tanto os objetos reais como os intelectuais são aprendidos diretamente pelo sujeito e não faz nenhuma reflexão crítica sobre o conteúdo do conhecimento nem sobre a própria forma de conhecer. No dogmatismo há uma confiança ingênua na capacidade da razão. Pode se apresentar de 3 espécies diferentes: o dogmatismo teórico: diz respeito a forma do conhecimento: Ex.: só é pobre quem não trabalha; o dogmatismo ético: diz respeito aos valores morais - não podem ser questionados; o dogmatismo religioso: diz respeito aos valores da fé - não podem ser questionados.

Ou ainda sobre o ceticismo (sketestai = enganar ou examinar). O ceticismo enfatiza e super valoriza o erro e a ignorância humana, de tal modo que impossibilita o

fato de que possa ter algum conhecimento válido e certo. Para o cético o sujeito não apreende o objeto. No ceticismo a razão, para conhecer, depende dos sentidos, e estes, por sua vez, sempre nos enganam, ou produzem em nós delírios mentais, que sempre nos induzirão ao erro. O conhecimento para o cético não passa de meras opiniões. O ceticismo, como o dogmatismo, se apresenta de três maneiras: o teórico = pragmatismo; o ético = relativismo; o religioso ou metafísico = agnosticismo = positivismo.

O ceticismo radical não tem sustentação lógica. Resta o ceticismo metódico, ou seja: não põe em dúvida a possibilidade do conhecimento mas, apenas, o critério de verdade do conteúdo do mesmo. Em síntese o ceticismo: nega o sujeito racional e ideal e afirma o sujeito emotivo e físico; bem como nega o mundo inteligível e afirma o mundo empírico e sensível.

O Criticismo. Kant resolveu o impasse entre o dogmatismo e o empirismo porque buscou uma superação epistemológica entre ambos unindo as categorias a priori da razão (capacidade racional da razão) com as experiências empíricas (matéria-prima para a fundação dos conceitos ou idéias). O criticismo de Kant tenta fazer uma relação entre: sujeito e objeto num duplo sentido. O objeto real é apreendido pelo sujeito real (sentidos) que por sua vez transforma em conceitos (idéias racionais puras) e, por fim, projeta para um mundo ideal, transformando o real. Esta é a função tanto da ciência como da ética.

### **1.3. Qual a Origem do Conhecimento**

Partindo do pressuposto de que não é possível negar a capacidade que é própria do ser humano de conhecer, trataremos, pois, de estabelecer de onde se origina o conhecimento, ou seja, qual é sua fonte de onde o conhecimento emana?

- O racionalismo -"ratio" = razão. O racionalismo faz a distinção entre o simples pensar e o conhecer, havendo uma razão no sentido lato, e uma no sentido restrito. No sentido lato é o pensamento, aquilo que diferencia o homem do animal. No sentido restrito é a forma de usar a razão no seu sentido pleno, metódico, sistemático e profundo. Só há conhecimento para o racionalista quando se usa a faculdade racional no sentido restrito. O homem comum não sabe como dispor deste conhecimento racional mais elaborado, só usa a razão para pensar, mas não para conhecer. Portanto, a origem do conhecimento está no

emprego da razão no seu sentido restrito, na razão propriamente dita, na faculdade de conhecer e não só no simples pensar.

- O empirismo = empeiria = experiência. No empirismo há uma negação da razão e de sua possibilidade de conhecimento. Porém, todo o conhecimento tem sua base e sustentação nos dados oferecidos pela experiência e, que por sua vez são transmitidas pelos sentidos ao cérebro.

Há uma divisão na filosofia por causa do confronto entre o racionalismo e o empirismo. Há os que defendem o princípio formal do conhecimento e aqueles que defendem uma posição sensualista (sensus = sentido) para quem o conhecimento tem sua origem na experiência. O mesmo ocorre em relação à filosofia das ciências. Há epistemólogos que defendem uma origem formal para a ciência e outra uma origem empírica da ciência.

- O Intelectualismo = (intus + legere - leitura interna)- é uma tentativa de mediação entre o racionalismo e o empirismo. Aristóteles, pai do intelectualismo afirma: "nada há no intelecto que não tenha passado pelos sentidos". Isto é: há uma fusão ou combinação entre um e outro porque a origem do conhecimento está na própria relação entre ambos.
- O apriorismo - vem de Kant, que coloca condições formais a priori (anteriores) na razão. A razão não é vazia, ela possui categorias ou formas a priori para reter e ordenar a experiência dos sentidos.

Ao buscar a essência do conhecimento deseja-se determinar qual é o ser, ou fundamento último do conhecimento. Mas, para tornar clara esta questão temos que voltar e nos referir a um aspecto que já colocamos anteriormente é o que diz respeito à concepção de homem e mundo que subjaz ao problema do conhecimento. Há uma duplicidade de concepção tanto de homem como de mundo que permeia toda a questão. E, a busca por uma definição sobre qual fator é o preponderante, se o real ou ideal, é o que dá sustentação a este problema que envolve a busca da essência do conhecimento.

A questão é, pois, a seguinte: a essência do conhecimento está no sujeito ou no objeto? Mas a que sujeito (real ou ideal) e que objeto (real ou ideal) o conhecimento se refere? As soluções, para o problema da essência do conhecimento, passam pelas Soluções pré-metafísicas - não levam em conta a duplicidade da concepção tanto de sujeito como de objeto e fazem uma redução a um único aspecto. Nas soluções pré-metafísicas, ou se faz uma redução com base no sujeito, ou com base no objeto, onde

um passa a ser a essência sobre o outro na determinação do conhecimento. Por isso temos:

- O Objetivismo - isto é, o objeto determina o conhecimento. O objeto se define por si mesmo e tem sua estrutura própria que simplesmente marca ou molda o conhecimento do sujeito. Exemplo: Platão reduz todo o conhecimento ao mundo das idéias, para ele esta é a única realidade existente, ela é objetiva por si só. Em razão disso, Platão é o “pai” do inatismo, ou seja, as idéias, são objetivamente, dadas ao homem antes de nascer, sendo, por isso, inatas. Para ele conhecer é um mero “recordar” das idéias já previamente dadas ao homem;
- O Subjetivismo - reduz todo o conhecimento a um único sujeito, o Ser Absoluto, transcendente. Este sujeito é detentor de todo conhecimento e imprime seu caráter pessoal a todos os objetos. Na Idade Média o defensor desta posição foi Santo Agostinho e modernamente a Escola de Marburgo que sustenta a existência de um sujeito puramente lógico;

Passam pelas soluções Metafísicas - são as que mantêm o dualismo do objeto em real e ideal e, sem fazer nenhuma redução dão, apenas, a primazia de um aspecto sobre o outro. Como consequência teremos: O Realismo - neste caso a essência do conhecimento está no objeto real e físico que determina a existência, no sujeito, a obtenção do objeto ideal ou inteligível. Há três tipos de realismo: 1. o ingênuo: aceita como verdade todas as impressões objetivas sem fazer distinção entre o objeto real e o objeto ideal (pensado), isto é, ambos se confundem. Ex.: O sangue sempre é vermelho; 2. o natural: faz a distinção entre o objeto real e o objeto pensado, contudo mantém uma certa identidade entre ambos. Ex.: O sangue até que poderia não ser vermelho, mas como nunca se visse sangue que não fosse vermelho, logo o sangue tem que ser vermelho; 3. o crítico: faz a separação entre o real e o pensamento e cada qual tem sua identidade própria. Ex.: O sangue é sangue por suas características próprias independente de sua coloração. O realismo crítico; é o que convém, por exemplo à ciência de hoje. O realismo crítico faz a distinção entre percepção e representação. A percepção é a captação sensível do objeto que qualquer pessoa pode ter. Mas a representação é o modo individual de como a percepção do objeto é registrada no pensamento ou intelecto;

No idealismo a essência do conhecimento repousa sobre o objeto ideal ou pensado e não o real como se dá no realismo. Há dois tipos de idealismo: o metafísico - que admite uma realidade ideal, transcendente; o epistemológico - a essência do



conhecimento está no objeto inteligível, no pensamento puro e não na existência dos objetos físicos e sensíveis, porque estes pouco ou nada valem para o conhecimento. Os objetos válidos e certos ao conhecimento são os da lógica e da matemática. Disto resulta a subdivisão do idealismo epistemológico em: subjetivo ou psicológico: toda a realidade está encerrada na consciência do sujeito. O essencial é o que está retido, em forma de conteúdos ou vivências, na consciência do sujeito. Esta é a única realidade que verdadeiramente existe; em objetivo ou lógico: não há nada psicologicamente real, mas logicamente real. O conhecimento verdadeiro é o que baseia num sistema de juízos lógicos;

O Fenomenalismo = aparência. Surgiu com Kant que tentou uma conciliação entre o realismo e idealismo. A essência do conhecimento não está no objeto real, nem no ideal, mas na relação entre ambos. O objeto real é a matéria-prima para o surgimento do objeto ideal. Porém, o intelecto só pode conhecer o objeto ideal e não o real. O objeto real permanece velado e distante do intelecto. Não conhecemos objetos reais somente os fenômenos mentais que eles produzem.

#### **1.4. Os tipos de Conhecimento**

- A mediação (através de meios). O conhecimento é resultado da relação entre o sujeito e o objeto. Via de regra o conhecimento se dá pela via da mediação, isto é, passo a passo, por apreensão, pela formação de conceitos, idéias e juízos e, por fim pela formação de raciocínios. Portanto, um processo lento e gradativo. O conhecimento mediato é também conhecido como o conhecimento discursivo.
- A intuição ou imediação (não por meios mas direto). Mas há também a formação do conhecimento pela via imediata, instantânea, ou seja, pela intuição. A espécie de conhecimento discursivo e mediato não causa maior problema à nossa compreensão. A dúvida maior reside sobre a espécie intuitiva de conhecimento. Há dois tipos de intuição: a sensível: a distinção entre cores. Ex.: o vermelho e o verde são distintos; e a espiritual ou intelectual: a intuição espiritual é a que se dá através de juízos do conhecimento que formulamos como resultado, não de mediação, mas de modo imediato ou intuitivo. Ex.: o ser é e o não-ser não é.

Como a intuição é algo que acontece no sujeito há que se ter presente as dimensões fundamentais do homem a partir das quais se apresentam as distintas formas de intuição: 1) a intuição racional: repousa sobre a razão humana e dela emanam as

intuições ou juízos teóricas. Ex.: Newton e a lei da gravidade; 2) a intuição essencial: se assenta sobre os sentimentos e daí surgem as intuições ou juízos existenciais. Ex.: Pascal - "No coração há razões que a própria razão desconhece"; 3) a intuição volitiva: se fundamenta sobre a vontade, de onde temos as intuições ou juízos de valor. Ex.: o que os olhos não vêem o coração não sente.

A questão que se levanta é: a ciência, que se baseia no conhecimento mediado e discursivo, não é posta em cheque diante do conhecimento intuitivo?

Há uma distinção a ser considerada. Quando se trata da atividade teórica não podemos dar ao conhecimento intuitivo valor de verdade tal qual se dá ao conhecimento discursivo - racional. Neste caso os juízos intuitivos necessitam passar pelo crivo da razão. Porém, quando se tratar da prática do homem a intuição tem um valor autônomo e seus juízos são válidos e aceitáveis.

### **1.5. O que é a Verdade**

O que é a verdade? Verdade (ver + dade) é o ato de ver intelectualmente e, por isso, torna-se sinônimo de certeza = *cernere* = do latim: ver no íntimo. Portanto, verdade é um estado de certeza cognitiva do sujeito em relação ao objeto de seu conhecimento. Há dois modos de se distinguir ou classificar a verdade: a verdade imanente: isto é, a verdade imanente ao sujeito, aos critérios formais e lógicos de sua faculdade racional e, nesse caso, a verdade é algo ideal, exclusiva do modo próprio de conhecer do sujeito pois ela obedece a categoria lógica de sua razão cognoscente. Este é o tipo de verdade própria do idealismo, ou seja, a adequação do pensamento consigo mesmo. No caso do idealismo lógico a verdade do conhecimento está baseado no critério da ausência de contradição que se fundamenta na lógica formal aristotélica. Este critério é falho quando se deseja aplicá-lo às questões da realidade objetiva, mas perfeitamente aplicável às questões das ciências formais e matemáticas.

O segundo tipo de verdade é a verdade transcendente, é a verdade que transcende do sujeito em direção do objeto, ou seja, é a adequação do conteúdo do conhecimento do sujeito com a realidade do objeto pensado. Este é o tipo próprio de verdade do realismo. Para o realismo há outros critérios que determinam o valor de verdade do conhecimento, pois trata de objetos reais: a evidência - a percepção interna deve conferir com o dado externo; a objetividade - a certeza não repassa sobre o que o sujeito pensa ser o objeto, mas que o objeto seja o que ele realmente é. Daí extraímos o senso comum; a universalidade - isto é, não se aplica apenas a casos particulares, mas a

casos gerais. Contudo, o realismo não considera superficialmente a importância da verdade intuitiva, pois, sem dúvida, há verdades vivenciais que não podem ser submetidas aos critérios da evidência, objetividade e universalidade.

O conhecimento humano sempre se nos apresenta de maneira muito complexa e, por isso, de difícil compreensão. A maior dificuldade reside sobre o fato de o que conhecimento quer conhecer a si próprio e dar a si mesmo os critérios para o auto conhecimento. Se, de um lado, é muito difícil conhecer-se a si próprio, muito mais difícil ainda é a auto análise, ou a auto avaliação, o auto julgamento. O conhecimento dá a si próprio as normas, tanto do conhecimento como os critérios de avaliação da validade ou correção do próprio conhecimento.

Enquanto seres humanos conscientes podemos descobrir como somos condicionados pela história e pela ideologia vigente. A ideologia “vive dentro de nós e também controla a sociedade fora de nós” (FREIRE, 1986, p.1). Mas esta dominação não é completa nem mesmo definitiva, pois a consciência humana tem capacidade reflexiva e crítica da realidade. Assim, é possível distanciarmos da realidade opressora e lutarmos para sermos livres.

Podemos aprender a ser livres, estudando nossa falta de liberdade. Esta é a dialética da sala de aula libertadora. É um lugar em que pensamos criticamente sobre as forças que interferem em nosso pensamento crítico. (FREIRE, 1986, p.1)

E é a sala de aula um espaço privilegiado para o estímulo e a abertura para a criticidade, reflexividade da realidade opressora. E não se trata somente de adequação das técnicas e metodologias de ensino, mas do estabelecimento de uma relação diferente entre o conhecimento e a sociedade, entre a realidade social e leitura de mundo.

Em fim, para o conhecimento poder conhecer um objeto colocado fora do homem isso não é, até certo ponto, algo tão difícil de realizar. Mas, quando o conhecimento faz de si próprio um objeto interno ao seu conhecimento, aumenta o grau de complexidade e, com isso, a extrema dificuldade de se chegar a conclusões válidas e corretas. Ultrapassar estas dificuldades e propor critérios válidos e seguros ao conhecimento é o permanente desafio da teoria do conhecimento e, posteriormente da epistemologia.

## 2. BAES FUNDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1997, p.64)

### 2.1. A educação de Jovens e Adultos.

A Educação de Jovens e Adultos deve ser entendida no sentido de Educação e não somente o ensino, pois entendo que a Educação abrange um aprendizado global. O aluno não somente está na escola, mas a escola faz parte da sua vida.

Desta forma, torna-se importante ter como base teórica para embasamento desta prática pedagógica os estudos de Paulo Freire. Pois, Freire faz que pensemos a educação dos Jovens e Adultos no sentido “por inteiro”. Nela está imbricado o bem estar, a socialização, as trocas de experiências e a busca pelo conhecimento.

Neste processo, Freire acredita que a educação deva ser uma prática de liberdade, “é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.” (1980, p.25). Pois, o homem é o único capaz de distanciar-se do objeto para analisá-lo. Desta forma, no momento que os Jovens e Adultos em processo de alfabetização deparam-se com suas realidades: trabalhadores, ou desempregados, baixo poder aquisitivo, e analfabetos (apesar de sobreviverem a esta sociedade letrada), a EJA pode significar um espaço de fala e de escuta atenta para uma possível crítica social. Lá eu percebi que estes sujeitos sentem-se parte. Parte talvez, de uma instituição, de um grupo. Sintam-se talvez, atores da sua própria vida.

Em uma fala de um aluno ao final do estágio que me emocionou muito foi: *“o que eu mais aprendi foi escutar o meu colega. Pois, aqui somos bem diferentes nesta turma, e às vezes é difícil ter paciência para escutar o outro.”* Em suas escritas sobre o que queriam aprender na escola e por que gostaria de aprender a maioria escreveu que buscavam a aquisição dos códigos da escrita e da leitura em busca assim de um sucesso profissional ou inserção no mundo do trabalho.

Esta perspectiva me parece o mais óbvio, entretanto percebo que mesmo os alunos já aposentados, com os “filhos criados”, com a “vida feita”, a escola desempenha um

papel fundamental. Que perpassa pela aquisição dos códigos, pela socialização, mas principalmente pelo lugar de pertencimento. É como se na escola, nesta turma, eles fizessem parte fundamental. E por isto sentem-se comprometidos com o processo.

Vejam os casos da aluna MM, ela é aposentada, entretanto continua trabalhando. Sai de casa às 5 horas da manhã para ir para o trabalho. De lá vai para a escola e só chega em casa a meia noite. É uma aluna que não falta as aulas, mesmo com chuva e frio. É comprometida com o seu processo de alfabetização, entretanto está nesta turma da Totalidade 1 há pelo menos quatro anos. O que faz ela permanecer? Se não há avanço no sentido de passagem para outras Totalidades. Por que ela não abandona? Seria um caso de fracasso escolar?

Na história da educação de Jovens e Adultos encontramos encontros e desencontros. Se num primeiro momento pretendia-se a erradicação do analfabetismo com um mal a ser superado e “arrancando”, hoje percebo uma mudança neste panorama. Até mesmo com a entrada cada vez maior de Jovens na EJA.

O aluno da EJA em geral é aquele que teve pouco tempo de permanência na escola, porém é possível perceber as marcas deixadas por esta experiência. As falas remetem a um lugar de exclusão, de abandono social. E o modelo de escola inculcado é aquele tradicional, que regula, segmenta. Segundo a fala de um aluno, ao criticar o trabalho desenvolvido durante o estágio: *“Professora, não podemos aprender palavras com G se ainda não aprendemos as letras que vêm antes. Tem que seguir a ordem.”*

Neste processo educacional certamente devem ser considerados como estes sujeitos aprendem, mas não podemos deixar de lado as relações de aprendizado e a busca da subjetividade, dos sonhos e as visões de mundo que estes alunos trazem consigo.

## **2.2. A relação escola, educadores e sociedade**

O professor não é apenas um simples profissional que deve repassar um pouco daquilo que aprendeu, ele é acima e primeiramente um Educador que deve ter visão geral da Vida, pois lida com a totalidade do ser. Vê-se aí um grande desafio ao professor, pois ele deve ter visão do cotidiano dos alunos, isto é, ir além das disciplinas e teorias impostas pelo sistema.

O ensino deve gerar em torno de um senso mais humano, não limitando-se a um simples conteúdo. É quase impossível um professor querer ser um educador sem se importar com a vida de seus alunos, ou sem conhecer nada sobre a psicologia da criança/aluno. Deve partir de uma realidade pensada refletida, vivida e conhecida. O

professor deve possuir uma visão global da realidade de seus alunos, deve instigar a curiosidade nos alunos para que eles aprendam com a vida e pela vida. O melhor material didático do professor é o mundo, o dia-a-dia do aluno, assim ajuda-os a formar suas personalidades.

O professor não é aquele que só ensina, mas é aquele que aprende com o dia-a-dia, com seus alunos... desperta consciência, personalidade, curiosidade. O educador numa perspectiva pessoal, vemos que são pessoas, que possuem limites. É uma pessoa variável, que busca desde a teoria até a prática com individualidades jamais repetidas. Para que o professor passe experiências de vida construtiva, em primeiro lugar ele deve ter, possuir experiências próprias. O educador traz sua vida, sua verdade sua radicalidade diante dos seus pensamentos, ações anteriormente às regras, a teoria. O professor não deve esconder-se por de trás de falsas máscaras.

A educação só tem sentido se for verdadeira. O educador não sendo o dono da verdade absoluta, deve ser o Amigo e um procurador da verdade. Libertando-se das coisas insignificantes, tendo uma postura crítica onde ele é notado pelo seu pensamento radical não ordinário.

O educador é uma pessoa que tem sua autenticidade própria, pensa e age com que idéias penetrem no íntimo dos alunos. É através disto que faz nascer as consciências. Para ser um educador é necessário possuir uma carga de formação pessoal para poder assim ser uma pessoa original.

A pessoa que educa sabe enfrentar as dificuldades com coragem e decisão. É valente aquele que busca sempre mais, a diversidade, não tendo medo de encontrar caminhos estranhos. Ele não recua diante dos obstáculos sendo capaz e corajoso de enfrentá-los e superá-los.

### **2.3. Quem são os sujeitos da EJA?**

A prática pedagógica na EJA vista como prática também política, social e cultural, exige movimentos críticos, pois as “certezas” não são permanentes. Neste movimento constatamos os diferentes sujeitos. Ser Jovem e Adulto nesta perspectiva leva a compreensão dos nossos inacabamentos. Estar no mundo, com o mundo e com os outros é uma tentativa de fazer das nossas experiências vividas experiências de si, para si e para o mundo.

Segundo o dicionário AURÉLIO Jovem é aquele que está na juventude. E, ser Adulto é: diz-se do ser vivo que atingiu o máximo do crescimento. Sabe-se que existem

várias concepções de jovem e/ou adulto e estas dependem sempre do lugar de fala de quem as concebe. Podem ser vistos com aqueles que “têm maturidade”, no enfoque familiar e no trabalho. Tendo em vista, a cultura nos quais estão inseridos. Os ritos de passagem, as marcas pessoais, etc.

Mas como a escola vê estes sujeitos? Compreende-os em suas especificidades e complexidades, buscando a percepção dos processos envolvidos (sejam suas histórias de vida familiar, escolar, suas crenças, suas utopias) é concebe-los como sujeitos do processo educacional.

Os alunos jovens e adultos, em geral, são trabalhadores que tiveram pouco tempo de permanência na escola e que, em suas falas evidenciam as marcas deixadas por esta presença. É evidente nas falas “lugares de exclusão”. Situações onde sentem-se à margem. Situações de abandono familiar e social, por muitas vezes ocasionadas pela não alfabetização.

Entretanto mesmo que a representação de escola vem sendo transformada cotidianamente ao passar do tempo, os alunos da EJA têm fortemente interiorizado o modelo de escola que os excluiu (regular, normativa e tradicional).

Constatamos que os alunos em geral, em um primeiro momento têm a expectativa “como será a escola”, depois passam por um momento de decepção, de desânimo, de luta e por muitas vezes culminando com a desistência.

Os alunos da EJA em especial passaram por estas experiências. Mas percebe-se que o valor que dão à escola ainda não decresceu. Acreditam na escolarização, inclusive nos remete que o período em que ficaram fora da escola parece ter fortalecido o sentido da escola.

#### **2.4. Apresentando a escola da pesquisa**

(...) o espaço, para os indivíduos, não é apenas o que pode ser ouvido ou lido, mas também o que é eliminado; o que se pode fazer num determinado espaço determina a maneira de experimentá-lo. (HALL, In. TELLES, 1962)

A pesquisa teve seu início através do estágio realizado na Escola Estadual Rio Grande do Sul, situada na Rua Washinton Luiz, no centro de Porto Alegre. A escola está localizada em local de fácil acesso e em região central da cidade. Os alunos em sua maioria não residem próximo a escola e alguns nem trabalham próximo à escola.

A escola conta com direção, vice-direção, apoio pedagógico e a partir da T3 professores de áreas específicas. A escola funciona nos três turnos. Sendo o turno noturno reservado para o Ensino de Jovens e Adultos.

Sua infra-estrutura é razoável. Conta com laboratório de informática, com sala de áudio-visual, refeitório (é servido diariamente janta aos alunos da noite), biblioteca, guarda escolar, porteiro (o portão fica chaveado e vigiado durante toda a noite). Pátio externo e pátio interno (pouco utilizado pelos alunos da noite). Secretaria e direção diariamente.

É um prédio de alvenaria de dois pisos. Bem conservado. Todas as salas tem ventilador de teto. Horário de entrada: 18h45min até as 22h55min. Cumpre-se o seguinte horário na turma T1: das 19h até as 22h10min.

O ensino de Jovens e Adultos segue as normas estabelecidas pelo sistema estadual de ensino público. Divididos em Totalidades. A totalidade 1 compreende a alfabetização. A professora titular da turma (Profa. S.) tem formação na área pedagógica, além de mestrado e está no momento terminando seu doutorado. Seu tema de pesquisa concentra-se na formação de professores de EJA. Está a seis anos nesta escola.

A turma escolhida para este Estudo de Caso, no qual foi realizado o estágio obrigatório, é uma turma de T1. São aproximadamente 22 alunos. A maioria trabalhadores. A professora caracteriza a turma como uma turma de inclusão. Segundo ela alguns alunos apresentam transtornos psíquicos e de conduta. Portanto sugeriu que o trabalho a ser desenvolvido abrangesse a temática Inclusão e Diversidade. Para esta pesquisa selecionei quatro alunos.

Me chamou atenção que a professora havia realizado sua dissertação de mestrado que foi um estudo de caso com a mesma T1, em 2006, e os sujeitos da pesquisa continuam nesta mesma Totalidade mesmo com o passar do tempo.

## **2.5. Apresentado os sujeitos deste Estudo de Caso – alunos da Totalidade 1 (Alfabetização)**

(...) desse modo, a educação é eminentemente ameaçadora. Ela consiste em abalar a segurança, a firmeza do professor, sua consciência professoral (que teme perder o estabelecido, que é o seu forte no plano da prática empírica) pra se flexionar de acordo com as circunstâncias. (PINTO, 1991, p. 22)



Para esta pesquisa foram escolhidos quatro sujeitos. Alunos da T1 tendo em vista o período que encontram-se na mesma Totalidade e a frequência às aulas.

Foi o estranhamento<sup>1</sup> perante este fato: permanência e frequência, que me levou a pensar reflexivamente sobre o processo de aprendizagem destes alunos. O sujeito S.J (a pelo menos 3 anos nesta Totalidade) conhece as letras. Conhece a ordem dos acontecimentos. Mas seu caderno é preenchido sucessivamente dia a pós dia com letras soltas, sem ordem nem nexos.

O sujeito da Pesquisa R., inteligente, ativo, dinâmico. Mentalidade de seis anos? Assim ele me foi apresentado. O R. lê, escreve, interpreta, abstrai, soma, diminui, etc. E para minha surpresa: ao analisar o caderno do R. percebi que além de copiar e realizar todos os exercícios propostos em sala de aula ele também registrou exercícios que foram ditos verbalmente e em alguns dias ele mesmo interveio na sua escrita e acrescentou itens que não haviam sido solicitados. Isto demonstra iniciativa e pensamento próprios.

E o sujeito M.M, uma senhora menina! Doce, querida, amada. Querida por todos. Mas, que está a pelo menos quatro anos na mesma turma. Uma senhora que acorda todos os dias às quatro horas da madrugada, trabalha até o horário de ir para a escola e é sempre a última aluna a sair da sala.

Só motivo de doença que faz com que este sujeito vá a aula. Pode fazer chuva, vento, frio ela está sempre lá. Responsável, letra delicada. Mas por muitas vezes é possível pegá-la dormindo durante a aula. Cochila e volta. Conhece as letras, escreve todas elas, escreve palavras de sílabas simples. Mas tem dificuldade na leitura. A matemática já introjetou que não sabe e não vai aprender, mesmo.

A Profa. S. apresentou-a com dificuldades na matemática, somente conservava até o número seis. Nossa! Que realidade? Mas como? Ela não vai ao supermercado? Não precisa de troco... Mas ao realizar durante a prática um ela reconheceu todos os números.

Podemos perceber no processo educativo da EJA o quanto a auto estima faz parte do processo de aprendizado.

Como que alguém vai aprender algo novo se já se predispõe que “não sabe” e pior “nunca vai aprender”. Como um professor vai ensinar se já estereotipou seus

---

<sup>1</sup> Estranhamento= segundo a filosofia pré-socrática o estranhamento faz parte do processo de conhecer.

alunos: um tem mentalidade de seis anos, outro é alcoólatra, outros é usuário de drogas, outro é ...

O que fazer para sair do senso comum e atingir um nível de questionamento sobre sua própria prática pedagógica?

Certamente o processo de alfabetização é suficientemente desafiador não somente para quem aprende como para quem ensina.

## II. A EJA COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO

O caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato de ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende. (PINTO, 1991, p. 21)

A Educação de Jovens e Adultos está fundamentada em estudos críticos sobre a formação de jovens e adultos trabalhadores. Pessoas que lutam diariamente para sobreviver no cotidiano. E não foi diferente na prática vivenciada na turma T1 da Escola Rio Grande do Sul.

Os sujeitos da pesquisa são adultos trabalhadores, sobreviventes às realidades duras dos brasileiros. Também foram marginalizados, em momentos da vida foram desempregados, a margem da sociedade.

Assim o papel de educador deve ser de instigar, questionar, levantar hipóteses. Desta forma acredito que,

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1997, p.64)

Pois,

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que reconheceram inacabados. (Ibidem, p. 64)

Assim a Educação de Jovens e Adultos requer os seguintes pressuposto pedagógicos, como nos sugerem Stramare e Sant’Anna (2001, p. 16),

1. O processo educativo seja uma construção coletiva;
2. Se constitua em espaço para reflexões dos agentes e das práticas educacionais;
3. Tenho o diálogo por princípio;
4. Se reconheça as leituras de mundo;
5. A flexibilidade seja pensada tanto no fazer pedagógico (metodologias, currículo, avaliação, etc); quanto nas condições singulares dos alunos (entrada e saída da escola, tempos de aprendizagens, horários de funcionamento das aulas, nas cobranças das tarefas – com relação aos prazos, etc);

6. Se estabeleçam reuniões com a intenção pedagógica freqüentes, com alunos, professores, funcionários, entre outros.
7. Se possa aproximar a teoria da prática, através da mediação/problematização;
8. Se compreenda a participação de todos os envolvidos no processo, para que a autonomia se efetive;
9. Se reconheça a heterogeneidade, as diferenças culturais, os dialetos e a corporeidade;
10. O planejamento contemple visões diversificadas, escutas, ruídos, cheiros – que permeiam as particularidades das culturas no processo aprender/ensinar;
11. Se constitua espaços de educação continuada/permanente para educadores de jovens e adultos.

E como nos ensina Comerlato (2001, p. 23),

Falar em EJA é reconhecer os diferentes grupos sociais que não são escolarizados e seus saberes, reconhecer suas diferenças e semelhanças em relação a outros grupos ou aos letrados.

E,

Trabalhar com EJA é ter tudo isso em conta e saber o que ensinar e o porquê, levando em conta os saberes que estes educandos já tem, fazendo-os reconhecer estes múltiplos saberes, sua validade para a vida e seus limites. (...) Educadores e educandos se reconhecerem enquanto sujeitos portadores e produtores de cultura, de saberes. (idbem)

Desta forma, se entendemos que a educação é um processo de lutas e de desacomodação, este torna-se na visão de Paulo Freire um momento de humanização. Pois, não separa teoria e prática. A história dos sujeitos está não só imbricada no processo educativo, mas, faz parte deste processo. Deste modo, é que percebo a “importância” que a escola (ou o processo educacional) têm na vida dos estudantes. No momento em que eles buscam o conhecimento cognitivo, social buscam e neste estudo de caso constato que nesta turma eles encontram acolhimento das suas histórias, das suas experiências.

Então qual o papel da escola neste processo? Pois, ter um grupo de estudantes na mesma Totalidade por um tempo longo, deveria provocar pelo menos desconforto desta instituição.

Através da entrevista com a Professora Titular da turma foi claro a metodologia utilizada por ela em sala de aula:

Com alguns alunos é possível sistematizar estas experiências de vida e transforma-las em experiências vividas, isto é Prática social. Fornecer a experiência vivida que através da necessidade (...) da experiência escolar fazer com que os alunos percebam, sintam que este representa um lugar de direitos e deveres.

Este lugar que parece de diálogo, horizontal, como chama Paulo Freire, é nutrido de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Este movimento de respeito aos educandos, como expressão de prática social, como referiu-se a Professora Titular da turma é importante para que estes sujeitos se sintam acolhidos e “pertencentes” deste espaço. Entretanto, como Paulo Freire, mesmo denuncia, isto não significa um espontaneísmo. O diálogo é horizontal e por isto exige do professor criticidade, reflexão. Não é permitido a ele ser neutro neste processo.

O saber é, portanto nesta visão mais do que aquisição de códigos da escrita e da leitura, significa emancipação do próprio sujeito. Que se dá no grupo, na sociedade, em um contexto histórico de luta.

O processo de alfabetização é múltiplo. Já pudemos discutir com o texto de Magda Soares (In: RIBEIRO (org), 2003) as concepções de Alfabetização<sup>2</sup> e de Letramento<sup>3</sup> existentes atualmente no contexto escolar. Mas qual o papel da escola: letrar ou alfabetizar? É possível separar estes dois processos?

É no processo de alfabetização que o aluno adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas.

É no exercício competente e efetivo desta tecnologia que surge o letramento. Isto é, implica na capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos.

Desta forma, o papel do ensino é

fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica; para que pratique um exercício de reflexão, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, em

---

<sup>2</sup> Alfabetização: processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico); as habilidades motoras de manipulação de instrumentos e equipamentos para que codificação e decodificação se realizem, isto é, a aquisição de modos de escrever e de modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, habilidades de uso de instrumentos de escrita

<sup>3</sup> Letramento: desenvolvimento para além da aprendizagem básica, das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

sua vida e não necessariamente só na escola. (CABRINI, In. MEINERZ, 2001)

Durante a prática pude investigar qual o significado do processo educacional para estes sujeitos. O segundo questionamento foi feito: **O que eu já aprendi na escola e que eu quero aprender e Porquê.**

Alguns alunos relataram que na escola aprenderam a “ouvir” os colegas. Que aprenderam a respeitar o tempo e a reconhecer as aprendizagens e não somente os “erros” de alguns colegas.

Isto demonstra a relação entre a Vida na escola e a Escola da vida. O uso dos seus conhecimentos de mundo e como estão organizadas suas práticas, suas ações ou então seus silenciamentos frente às mais diferentes situações do cotidiano.

E o que leva estes sujeitos a permanecerem na escola mesmo não avançando para outras totalidades? Pude constatar na entrevista e nas observações que o papel da escola está além da aquisição dos códigos da escrita e da leitura. Estes sujeitos reservam um espaço maior à escola em suas vidas. O relato do sujeito M que diz: *“Quando chega a tarde me lembro da escola. Vou em casa tomo banho, coloco perfume, pois sei que sempre ganho um abraço das professoras (...)”* nos revela que a escola tem um papel social na vida deste sujeito.

O fato destes sujeitos em sua maioria não residirem nem trabalharem próximos a escola, mas deslocarem-se diariamente para a aula demonstra que estes sujeitos possuem pelo menos o mínimo de condição de sobrevivência. Mas a escolha desta escola e não outra próxima a residência reflete o caráter afetivo que eles representam ter com esta instituição. Segundo o relato do sujeito N.: *“Perto da minha casa também tem uma escola com EJA de noite, mas escolhi esta escola mesmo sendo distante da minha casa pois meu filho foi alfabetizado nela e sei que ela é muito boa, sei que eu vou aprender aqui (...) meu filho tem 28 anos agora e é ele que diz para que eu venha a escola todo o dia”*.

Mas entendendo que a EJA além de espaço social e afetivo deveria também cumprir seu papel cognitivo na vida destes sujeitos. Não podemos negar que a aprendizagem (ler e escrever) é o desejo comum a estes sujeitos, pois através dele me parece que eles se sentirão “parte integrante” de uma sociedade e de uma cultura, a cultura letrada. Entretanto, como nos ensina Magda Soares,

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a

a escrita tem presença forte (...) esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita.

Estes sujeitos já são parte da sociedade letrada, mas o sentimento ainda assim é de estarem a margem, pois, como mesmo Magda Soares complementa,

Não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

Assim perante os relatos e a situação encontrada concordo com RUMMERT (2005) quando afirma que para a EJA,

A pior forma de presença é aquela que se situa nas antípodas da qualidade e que atende pelo termo de mediocridade, já expresso pelo cinismo da fórmula qualquer coisa serve ou antes disso do que nada.” (p.124)

Entendo que estes sujeitos tiveram pouco tempo de permanência na escola (durante a infância), porém é possível perceber as marcas deixadas por esta experiência. As falas destes sujeitos nos remetem a um lugar de exclusão, de abandono social. E o modelo de escola que está inculcado é aquele tradicional, que regula e segmenta. Assim o desafio do professor e da instituição é *“ir ao encontro das necessidades e desejos daqueles que, apesar de todas as dificuldades cotidianas, ainda vêm a escola como o olhar de esperança. (ibdem).*

A escola, segundo o relato do sujeito N se faz importante pois: *“to aprendendo, quanto mais tempo passar mais difícil vaio ficar, é bom aprender. Eu não vou por ir, vou para aprender.”* Este sujeito tem 59 anos e não completou os estudos no tempo regular pois precisava dedicar-se a família e ao trabalho. Assim a EJA deveria cumprir a sua função, esta é segundo RUMMERT (2005),

“o próprio sentido da EJA está em sua função qualificadora ou permanente, que somando-se com o caráter incompleto do ser humano. Sua tarefa consiste em propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida, assegurando as condições para o exercício do direito de aprender.”

Assim o saber é mais do que aquisição de códigos da escrita e da leitura significa emancipação do próprio sujeito. Que se dá no grupo, na sociedade, em um contexto histórico de luta, e por isto entendo que a escola para estes sujeitos representa um espaço de pertencimento. Pois, pertencer é “fazer parte”. E estes sujeitos reservam uma

parcela significativa de suas vidas à escola. Não apenas para a aquisição de códigos mas pela convivência, pela integração e pelo ato de partilhar experiências.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da razão e do poder de autodeterminação são características exclusivas do Ser Humano. A Educação sendo um processo onde os sujeitos são considerados como detentores de saberes próprios, então a educação pode ser vista como processo humanizante. Desde que sejam considerados como parte/ processo e não depositária.

Dos apetites intelectivos surgem as vontades que possuem variadas propriedades, tais como a mundaneidade, a alienação, a transcendência e a liberdade. Sendo esta última a mais significativa, pois afirma a autonomia própria do homem, que é demonstrada a partir de vários tipos, por exemplo a liberdade física, a moral, a política e a psicológica. Através dos tempos o tema Liberdade foi sendo amplamente discutido, um dos problemas estudados hoje é como conciliar Liberdade e o Progresso. Para isso acreditamos que a liberdade é qualidade essencial do homem sendo da essência da natureza humana. Para provar a existência da liberdade alguns filósofos concluem a partir da teologia, outros a partir das relações com o intelecto e a alma, outros dizem que ela não pode ser explicada pela razão e por último o filósofo Sartre afirma que o homem é condenado a ser livre. O ato livre deriva do conhecimento do que se quer fazer, como fazer, da possibilidade de análise e de tomar decisão. Mas esta liberdade encontra limites, pois nenhum homem como essência pode escolher, isto é, não podemos escolher não existir, ou não ter forma, não comunicar-se, etc. sendo que o homem é dependente do mundo e das paixões.

Paixões que são definidas de variadas formas, por exemplo como sendo movimento da alma, ou apetite sensitivo, ou como desejo que dificulta o uso da razão, ou até mesmo relacionando-se diretamente ao Libido. A partir disto as paixões são variavelmente divididas. Uns dividem como sendo Concupsível ( fácil de atingir) ou Irascível ( difícil de atingir), outro divide em Alegria e Tristeza, outro em Valer, Poder e Sentir, outro em Conhecer, Querer e Sentir. Esta última é a mais satisfatória. Acredita-se que é a partir da afetividade que os homens se relacionam. As paixões podem até influenciar a vontade, mas não determinam.

Na afetividade o amor tem papel fundamental, ele pode ser transcendental ou não, isto é ser amor eterno ou sensível ( sexual) – Eros. Mas independente de teoria o amor é propriedade fundamental da natureza humana, por ser um assunto subjetivo dele surgem muitas teorias.

Sendo assim, é a partir da autotranscendência que o homem busca sua felicidade, administrando suas vontades, suas paixões e desejos que estão sempre em constante movimento.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio. Rj: Editora Nova Fronteira, 1985.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Pulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da liberdade. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia. 1997.

\_\_\_\_\_. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FORTES, Maria Carolina. Adultos, escolarização e trajetórias de vida: compreendendo sentidos. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2006.

GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1991.

MARQUES, Mario Osorio. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. Ijuí: UNIJUI, 1997.

MARTINS, Marcelo Lopes. Quando a “regra” é evadir, por que ficar? Quais motivos levam jovens e adultos a permanecerem na escola? Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2006.

MARTINS, Patricia Silva. A educação de Jovens e Adultos: terra prometida ou lugar de travessia? – um estudo de caso. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2009.

MOREIRA, Carla Cristina Cadaxa. Educação de Jovens e Adultos: um espaço de inclusão? Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2007.

NUNES, Noemi Cardoso. Educação para a cidadania: percepções e expectativas dos alunos da EJA. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2009.

RUMMERT, Sonia. Jovens e Adultos trabalhadores e a escola. A riqueza de uma relação a construir. In: A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SALERNO, Neuza Maria Dornelles. Gestão em EJA: Um estudo diagnóstico na escola estadual de ensino fundamental Rio Grande Sul. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2004.

SANT'Anna, Sita Mara Lopes. O Ensino de Língua Materna para jovens e Adultos trabalhadores: a busca de novos sentidos. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2000.

SILVA, Lenira Formiga da. O idoso na EJA: permanência no ensino formal. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2008.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOARES, Sonia Ribas de Souza. As contradições na ida e no trabalho dos alunos da EJA em Porto Alegre/RS: um estudo de caso. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2006.

TAVARES, Ana Cristina Rodrigues. As leituras do mundo e as leituras das palavras: buscando significados na escolarização de jovens e adultos. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1999.

## ANEXO

Entrevistas com os alunos:

11. Sexo
12. Idade
13. Trabalho
14. Há quanto tempo você estuda na Totalidade 1 desta escola?
15. Fale sobre suas experiências na escola?
16. Fale sobre o que você já sabe ler e escrever
17. Como você pensa que é o melhor jeito para se aprender a ler e a escrever?
18. O que você acha que já aprendeu?
19. O que mais o atrai nas aulas?
20. Por que você frequenta a escola?

Entrevista com a professora titular:

6. O que é ler e escrever para você?
7. Fale sobre os conhecimentos de língua escrita que os seguintes alunos possuem
8. Que recursos você já utilizou para auxiliar seus alunos?
9. Quais os encaminhamentos você faria aos alunos que permanecem tanto tempo na mesma totalidade?
10. Por que você pensa que estes alunos freqüentam as aulas há tanto tempo?

## QUADRO I

Comparativo de respostas dos alunos na entrevista semi-estruturada:

QUESTÕES	Sujeito M	Sujeito N	Sujeito SJ	Sujeito MM	Sujeito R'1
Sexo	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Idade	58 anos	59 anos	50 anos	60 anos	35 anos
Trabalho	Em dois lugares (Jornal e Creche Comunitária)	Em um condomínio	É aposentado, mas faz shows em frente ao Zaffari do Centro.	É aposentada, mas continua trabalhando na casa de família.	Recebe benefício do governo (APAE). Trabalha na Cooperativa.
Tempo estuda na T1 (alfabetização)	2 anos nesta turma, mas 15 anos que começou a procurar a escola. Veio do interior.	4 anos que está na mesma turma e com a mesma professora	3 anos	5 anos	1 ano nesta turma
O trabalho ou a moradia ficam próximos a escola? (A escola fica no Centro da Cidade)	Reside em um bairro na Zona Norte, trabalha na Zona Sul. Diz não conhecer o restante da cidade. Apenas os caminhos que a levam ao trabalho e a escola.	Reside e trabalha no mesmo bairro que é distante da escola. Existe uma escola com EJA lá, mas quer estudar nesta escola pois o filho foi alfabetizado nela.	Reside em uma pensão no centro da cidade. É ajudado pelo Pão dos Pobres. Foi abandonado pela família.	Trabalha em outro bairro e mora em outra cidade (Região metropolitana).	Reside no extremo sul da cidade, trabalha na zona leste.
O que você já sabe ler e escrever	<i>“Sei ler o que tu quisier, mas não sei ler o que eu escrevo. Sonho e ler e escrever tudo.”</i>		<i>“Eu gosto de estudar, para ser alguma coisa na vida. Você já sabe, né professora, quero ser psiquiatra. Ter carro bonito, apartamento. Para ser psiquiatra</i>	<i>É pré-silábica, reconhece as letras. Não escreve nem o seu nome. Conserva até o numero 6.</i>	<i>“Eu to calmo, muito calmo.”</i>

			precisa ter faculdade de medicina, precisa fazer vestibular. Vão pintar o meu rosto?"		
Qual o melhor jeito de aprender a ler e escrever	<i>"Quando a professora usa o quadro."</i>	<i>"Quando a professora passa um texto e tira uma palavra."</i>			<i>"Com filmes, pois a professora explica depois."</i>
O que já aprendeu	"Nada"	Completar palavras, palavras invertidas	<i>"Aprendi o 'F'."</i>		<i>"Um monte de coisa. Dá pra sair e comprar roupa."</i>
O que mais atrai nas aulas	Ditado, mas não gosta de matemática	<i>"O que eu consigo fazer"</i>	<i>"Aqui sou o Julinho. Venho cheiroso. Coloco perfume. Tem que tomar banho, né."</i>		<i>"Tu acha que eu vou passar?"</i>
Por que frequenta a escola	Gosto de vir. <i>"Quando chega a tarde me lembro da escola. Vou em casa tomo banho, coloco perfume, pois sei que sempre ganho um abraço das professoras. Ser negra e fedorenta, não"</i>	<i>"Eu tô aprendendo, quanto mais tempo passar mais difícil vai ficar. É bom aprender. Eu não vou por ir, vou para aprender."</i>	<i>"Para ser alguma coisa na vida"</i>	<i>"Para aprender a ler e escrever muitas palavras."</i>	<i>"Minha mãe quer que eu estude. Eu tenho um menino, quero ensina-lo. É legal comprar um carro, assinar cheque, morar sozinho. Minha mãe tá velha, ela quer que saia de casa".</i>
Outras considerações	Eu falto muito porque tenho que trabalhar. Mas acho que se fosse	Diz estar sempre atenta. No trabalho não tem vergonha de	No Pão dos Pobres ele é chamado de Julinho, assim como na escola.		<i>"Os colegas são importantes para mim, principalmente o Valter. Ele</i>



	<p>mais puxado eu não faltaria tanto. <i>“Eu não digo a ninguém que estou na escola, pois vou dizer que estou na Primeira série. Eu digo que tenho problema de visão.”</i></p>	<p>dizer que está na escola <i>“o tempo é agora”</i>. <i>“Acho que eu tinha problema na cabeça, agora abriu minha mente.”</i></p>	<p>Na pensão é o Julio; No culto é o Zezinho.</p>	<p><i>já sabe bastante coisa.”</i></p>
--	--	---	---	--

Não estava considerada no primeiro momento o lugar onde residiam e onde trabalhavam, entretanto durante as entrevistas ficou claro que o desejo de vir a escola supera a distancia.

Entrevista semi-estruturada com Professora da Turma de Alfabetização:

\* Por que você pensa que estes alunos freqüentam a escola? Qual seu entendimento de Educação de Jovens e Adultos.

Em primeiro lugar pela socialização. Pois, aqui eles têm a garantia do seu espaço. É uma oportunidade de dar sentido às experiências de vida e percebê-las, transformá-las em experiência percebida. Com alguns alunos é possível sistematizar estas experiências de vida e transformá-las em experiências vividas, isto é a Prática social fornece a experiência vivida que através da necessidade, da experiência escolar faz com que os alunos percebam, sintam que este representa um lugar de direitos e deveres.

A escola também representa um lugar de diversão, de lazer. Não é um simples espaço. É a garantia da escuta, da fala. Eles têm espaço para participarem. É um resgate do que deixaram para trás. É carregado de significado.

As vezes este o acesso a este espaço é prejudicado pela falta de passagem, pelos horários de trabalho.

Vejo que a escola deve ser o espaço da transformação para o ser social. Onde há espaço para questionar Onde estão?; Quem são?; Por que estão?. É um lugar onde eles pertencem a algo.

2010

PORTO ALEGRE / 04 DE JUNHO

MENSAGEM RAZES DO SABOR.

Aqui eu queria aprender a

ma escola?

Por que eu aprender?

AND a LE  
MT a S L T a S

ETRS  
FLa MLO R

Maria

O que eu quero aprender na escola?

Por que eu quero aprender?

Aprender para eu trabalhar

porque não posso ficar no meio  
meu correio que são muito  
de trabalho -

eu trabalho numa ceche

eu cuido de coisas

eu que dirigi

tenho carro e não dirigo

~~Carro~~

H

Ward - dona da Borelos